CONEXÕES DA IDENTIDADE: O CONTRAPONTO ENTRE A OBJETIFICAÇÃO E A AUTENTICIDADE EXISTENCIAL NA PERSPECTIVA DIALOGAL ENTRE ZYGMUNT BAUMAN E MARTIN HEIDEGGER

Tomás de Aquino Costa Meireles[1]

Canício Scherer[2]

RESUMO

Neste estudo, analisam-se as conexões da identidade estabelecidas a partir do contraponto entre a tendência objetificadora e a proposta de autenticidade existencial que se elucidam, respectivamente, a partir de duas análises: uma, dos traços característicos da pós-modernidade presentes no limiar teórico de Zigmunt Bauman e outra, da existência sob o pensamento de Martin Heidegger. E para isso, se estabelece uma interação dialogal entre as duas teorias. Partindo-se da contextualização da realidade humana pós-moderna à luz do pensamento de Bauman, estabelecer-se-ão parâmetros entre a pessoa contemporânea apresentada pelo autor e a analítica existencial de Heidegger. Pelo pressuposto de identificar as conexões sociais que fomentam a desvalorização do outro e priorizam o individualismo que interfere na construção da identidade do sujeito, segundo Bauman, traça-se um paralelo com a forma inautêntica de coexistência no viés heideggeriano. Depois, discutir-se-á a questão da indiferença relacional da pós-modernidade em contraponto com o existencial 'ser-com-os-outros' de Heidegger. Por fim, far-se-á uma análise das conexões identitárias em Bauman e do sentido do ser para Heidegger. Assim, constrói-se o caminho: a partir da conjuntura estrutural pós-moderna, marcada por traços líquidos e pela velocidade das transformações tanto das instâncias quanto dos agentes sociais, chega-se ao entendimento da objetificação. E pela analítica existencial, abrem-se os horizontes deste homem fragmentado e reduzido a simples presença a um ser-possível, de projeção, autêntico.

Palavras-chave: Traços líquidos. Objetificação. Conexões da identidade. Analítica. Existência.

ABSTRACT

In this study the connections of identity established from the counterpoint between the objectifying tendency and the proposal of existential authenticity are analyzed, which are elucidated, respectively, from two analyzes: one, the characteristic features of post-modernity present in the theoretical threshold Zigmunt Bauman and another, the existence under the thought of Martin Heidegger. And for this, a dialogical interaction between the two theories is established. Starting from the contextualization of postmodern human reality in the light of Bauman's thought, parameters will be

[1]Graduando do Curso de Filosofia do Centro Universitário Salesiano/UNISALES. E-mail: tomasmeireles28@gmail.com

[2] Licenciado em Filosofia (PUC/PR). Especialista em filosofia contemporânea (UFES) e Mestre em História Social das Relações Políticas (UFES). Filosofia: Ética. E-mail: cscherer@unisales.br

established between the contemporary person presented by the author and Heidegger's existential analytics. Based on the assumption of identifying the social connections that foster the devaluation of the other and prioritize the individualism that interferes in the construction of the subject's identity, according to Bauman, a parallel is drawn with the inauthentic form of coexistence in the Heideggerian bias. Then, the question of the relational indifference of postmodernity will be discussed in contrast to Heidegger's existential 'being-with-others'. Finally, an analysis of Bauman's identity connections and the sense of being for Heidegger are done. Thus, the path is constructed: from the postmodern structural conjuncture, marked by fluid features and the speed of the transformations of both instances and social agents, it comes to the understanding of objectification. And by the existential analytics it is possible to open the horizons of this fragmented man and reduced to a simple presence to a projection and authentic being.

Keywords: Fluid features. Objectification. Identity connections. Analytics. Existence.

1 INTRODUÇÃO

Sob um caráter liquefeito presente em traços da pós-modernidade, e perante a velocidade das transformações, é deixada à margem a possibilidade de um horizonte seguro e estável. Esta liquidez, solidificada em traços do cotidiano, constrói uma rede objetificadora, conectando o homem àquilo que ele acredita querer e o desconectando daquilo ou daquele que deseja descartar. E, aleatoriamente, o indivíduo permuta suas preferências entre existências tipificadas como projetos e episódios de curto prazo, restringindo assim o significado e propósito de vida meramente a acontecimentos individuais (BAUMAN, 2005a).

Dito isso, é manifestado o cerne da temática: conexões podem ser estabelecidas mediante as "fluidas identidades", reflexos dessa inconstância, num contexto desumanizador que inverte as escalas de importância, colocando a vida e a existência subjugadas à coisificação e ao reducionismo do potencial misterioso das relações humanas em suas diversas faces?

Em resposta a esta questão, o presente trabalho busca demonstrar que o homem não se difere de outros viventes apenas por sua capacidade cognoscitiva, mas seu diferencial reside na humanidade que, tantas vezes, ele mesmo desconhece. A proposta de autenticidade, portanto, residirá no desvelar-se da consciência da unicidade que reside no mistério interior de cada sujeito.

Por isso, ressalta-se a importância em desenvolver conexões sobre a identidade do sujeito pelo pensamento de Zygmunt Bauman, por uma perspectiva dialogal com a

proposta de autenticidade existencial de Martin Heidegger, através do fundamento bibliográfico de pesquisa e de uma perspectiva do método dialético, onde as coisas são analisadas em movimento encontrando-se sempre em vias de se transformar dentro de um todo unido que se condiciona reciprocamente (MARCONI; LAKATOS, 2003).

Desta forma, a partir da contextualização da realidade humana pós-moderna segundo o pensamento de Bauman**,** é possível estabelecer parâmetros entre a pessoa contemporânea e a analítica existencial do viés heideggeriano, identificando assim, as conexões sociais que fomentam a desvalorização do outro e priorizam o individualismo que interfere na construção da identidade do sujeito, em paralelo com a forma inautêntica de coexistência da teoria de Heidegger**.** Com isso**,** abre-se, ainda, a discussão sobre a questão da indiferença relacional da contemporaneidade em contraponto ao existencial 'ser-com-os-outros', também de Heidegger. Interpretando a realidade líquida, incluso o quesito da mecanização do cotidiano, pode-se colocá-la em comparação com o modo de ser do homem apresentado por Heidegger e finalmente ser analisada a relação entre as conexões identitárias e sociais em Bauman e o sentido do ser para Heidegger.

A temática justifica-se socialmente, em vista de que, formado um ciclo de indiferenças e gerado desde as bases emocionais do indivíduo até uma abrangente organização do sistema, tem-se como consequência direta um conjunto de pessoas insatisfeitas e irrealizadas, marcadas por uma instabilidade interior e uma inconstância sistemática. Em um intuito protetivo/inconsciente, perante a insegurança, a subjetividade humana cria artifícios fomentadores da liquefação relacional.

O influente sistema, com o ideal de consumo, reflete a insaciedade do vazio que reside no homem e que o faz engolir tudo numa angustiante procura daquilo que lhe dê sentido de viver. Leva-o a desgastar as realidades da vida para chegar sempre ao mesmo lugar: um prazer momentâneo, em que o indivíduo objetifica a si mesmo e tudo ao seu redor. Desta forma, desumaniza o real e idealiza tudo como mercadoria. A vida, agora objetificada, torna-se um produto barato, acarretando fatores como a desestruturação social perante a flexibilidade e mudança dos valores, a hostilidade perante as diferenças, a ignorância indiferente e o desinteresse pelo outro.

Ainda neste contexto, a informação faz do sujeito pós-moderno 'senhor dos fatos', mas não o torna imune à ignorância na percepção da unicidade da vida manifestada

em cada coisa e pessoa. Em outras palavras, o faz juiz dos fatos e condenador de existências. Em relação ao questionar, constitutivo da filosofia, que movimenta o pensar, acrescenta-se aqui uma importância: refletir o que é o homem (antropologia), como ele age (moral) e quais são os princípios que fundamentam sua identidade em face de sua liberdade (ética). Enfim, a possibilidade do ente pôr-se em analítica.

2 PRINCÍPIO DIALOGAL: REALIDADE LIQUEFEITA E A ANALÍTICA EXISTENCIAL

Sob a perspectiva teórica que permeia suas obras, Zygmunt Bauman, em linhas gerais, ensina que a contemporaneidade é traçada explicitamente por um caráter líquido, marcado pela sua fluidez e volatilidade. A humanidade pós-moderna trilha o abandono do *telos* (finalidade) na incapacitação de "projetos de vida" (BAUMAN, 2007), de projetos de longo prazo. A sociedade contemporânea convive com a perene "[...] desregulamentação e a privatização das tarefas e deveres modernizantes" (BAUMAN, 2001, p. 38), onde os atores sociais são individualmente situados e responsabilizados por cada escolha que fazem.

Neste contexto, perpassados pelas existências cotidianas, "[...] borbulham os processos contemporâneos de identificação que dão [...] carne e osso à dimensão psicossociológica e altamente patológica" (SZWAKO, 2006), caracterizada pela produção de insegurança e ansiedade.

Interiormente inseguros e exteriormente instáveis, cotidianamente os indivíduos são alvos dos reflexos da globalização: mudanças no ambiente de trabalho, na perspectiva do Estado e nos atores sociais. Segundo Szwako (2006, s.p.), "[...] os locais de trabalho inspiram pouca confiança, inviabilizam a identificação e a solidariedade grupais devido a sua flexibilização". O Estado, por sua vez, aponta um novo grupo de atores sociais sem direito à identificação, afirmando "[...] sua prerrogativa essencial de soberania básica: o direito de excluir" (BAUMAN, 2005b, p.45).

Em paralelo, os sujeitos individualizados compulsoriamente competem e consomem influenciados por um sistema globalizado e por um Estado excludente quanto a um exorbitante número de pessoas vistas como 'peças' desnecessárias à perpetuação do poder instaurado e ao "funcionamento do ciclo econômico" (BAUMAN, 2005a, p.47).

Como na expressão heideggeriana 'Dasein' (desenvolvida posteriormente no tópico 2.2.2), que basicamente "indica o fato de que o homem está sempre em uma situação,

lançado nela e em relação ativa com ela" (REALE, 1991, p. 583), o ser humano encontra-se nesta problemática e está em conflito a questão de sua própria identidade individual e coletiva. Refletindo perante o modo de ser do homem, sua analítica existencial e a contemporaneidade liquefeita, introduzem-se às densas conexões da identidade, bases das argumentações dos próximos tópicos.

2.1 A REALIDADE HUMANA PÓS-MODERNA

A pós-modernidade é caracterizada pela ocorrência de uma série de mudanças interconectadas que criam um ambiente novo e, portanto, desencadeando desafios inéditos (BAUMAN, 2007). E a característica mais expressiva deste período é "[...] a passagem da fase sólida da modernidade para a líquida" (BAUMAN, 2007, p.7). Sob um caráter liquefeito, as organizações sociais rapidamente se dissolvem, ou seja, padrões de direcionamento, escolhas individuais, rotinas, mais rapidamente se decompõem que se efetivam.

Este caráter basilar pós-moderno infunde-se em todos os campos e produz efeitos significativos na esfera individual, social, política e econômica. Isto, afirmado por Bauman, através das chamadas 'partes integrantes do corpo globalizado', que seguirão abaixo. Antes disso, ressalta-se que a globalização nesta perspectiva, "[...] deve ser entendida como processo, assim como sua compreensão e análise" (BAUMAN, 2005a, p. 11).

Uma primeira parte (integrante do corpo globalizado) que se pode pontuar seria a separação entre poder e política, onde:

> A ausência de controle político transforma os poderes recém-emancipados numa fonte de profunda e, em princípio, incontrolável incerteza, enquanto a falta de poder torna as instituições políticas existentes, assim como suas iniciativas e seus empreendimentos, cada vez menos relevantes para os problemas existenciais dos cidadãos [...] e atraem cada vez menos a atenção destes (BAUMAN, 2007, p.8).

O Estado neste impasse, se vê obrigado a transferir tais funções à iniciativa privada, terceirizando suas responsabilidades. E, desta maneira, tudo isso se torna um parque de diversões para o Mercado, que influencia diretamente nas vidas que compõem o meio social (BAUMAN, 2007).

Em sequência, destaca-se, também, agora como uma segunda parte, a ameaçadora redução da segurança que colide com a solidariedade social, que fragmenta os

vínculos, reforça o aspecto do medo e incrementa divisões. Leciona Bauman (2007, p. 8-9):

> Os laços humanos, que antes teciam uma rede de segurança digna de um amplo e contínuo investimento de tempo e esforço, e valiam o sacrifício de interesses individuais imediatos, se tornam cada vez mais frágeis e reconhecidamente temporários. A exposição dos indivíduos aos caprichos dos mercados de mão de obra e de mercadorias inspira e promove a divisão e não a unidade.

Por último, é ressaltado o colapso do planejamento e da ação a longo prazo. De forma mais clara, a improbabilidade de projeções futuras, que se desemboca, segundo Bauman (2007, p.9), num "[...] desmembramento da história política e das vidas individuais numa série de projetos e episódios de curto prazo [...]". A instantaneidade é efeito claro disso. Se observarmos bem, a cultura *fast food* não se atém ao âmbito alimentício. O valor é atribuído ao rápido e fácil. E tudo que se opõe ao padrão causa grande irritabilidade e descrédito. Sendo assim, há forte estímulo a orientações laterais, como o: "[...] esquecimento de informações defasadas e o rápido envelhecimento de hábitos [...]" (BAUMAN, 2007, p.9).

Nesta sucessão apresentada, a instabilidade de um Estado vulnerável, a insegurança, o alto espírito de competitividade e a imprevisibilidade fundam na subjetividade um senso de sobrevivência defensiva, o que Bauman (2007, p.16) nominara como "ciclo do medo", cujo elemento basilar e justificativa é o progresso. O ideal de progresso desestabiliza existências e isso se torna marketing de lucro, pois, "[...] a insegurança do presente e a incerteza do futuro produzem e alimentam esse medo. Estas duas nascem de um sentimento de impotência: não temos controle, nem ferramentas" (BAUMAN, 2007, p. 32). Sem orientações, os indivíduos entregam-se à dinâmica do sistema. Nisto, são lançados à instabilidade e induzidos a produzir flexibilidade. E por mais incoerente que pareça, colocados a coexistir numa "perene mutabilidade".

Desta maneira, "[...] a responsabilidade em resolver os dilemas gerados por circunstâncias voláteis e constantemente instáveis é jogada sobre os ombros dos indivíduos [...] e estes, que suportem plenamente as consequências de suas escolhas" (BAUMAN, 2007, p. 10). Assim, a virtude da atualidade se torna a flexibilidade, o que resulta em indivíduos plenamente responsáveis pelas consequências do ato de escolher, obrigados a serem flexíveis e perdidos na inconstância cotidiana.

Com o Estado frágil, o meio social está exposto a "forças hostis", ou seja, sujeito às iniciativas privadas e à inconstante atividade do mercado. E isso é derivado do que

Bauman (2007, p. 30) denomina “globalização negativa” e é tido como um processo parasitário e predatório. Por um lado, este processo, e por outro, “[...] a vinculação humana que se afrouxa e precariza o que leva à dificuldade de solidarizar-se e compreender os benefícios disso” (BAUMAN, 2007, p.30). Em outras palavras, sob os efeitos da negatividade apresentada, um entre muitos seriam os vínculos interpessoais não possuírem inteireza e estabilidade.

Ocorrendo assim na esfera individual, obviamente o reflexo social se revelaria diretamente na fragilização do espírito de solidariedade e na consciência de comunidade, a tal ponto de não se enxergarem os benefícios de se solidarizar ou de pensar em comum. Ao invés disso, a centralidade das ações, desejos e compulsões passam a residir no pronome pessoal *eu.*

Com os agentes sociais curvados sob o próprio ego e atores efetivos de um sistema que lucra sobre a flexibilidade e que segrega pelo medo, logicamente, resulta-se uma sociedade impotente em decidir o próprio destino e defendê-lo, uma vez escolhido.

2.2 A ANALÍTICA EXISTENCIAL

Em *Ser e Tempo* (1988), Heidegger apresenta sua ontologia fundamental, ou seja, o filósofo pretende mostrar como o Ser se manifesta. Em outras palavras, Martin Heidegger, no discorrer de sua teoria, coloca-se à procura de uma ontologia que determine de forma adequada ‘o sentido do ser’. De forma concreta, elabora este problema de sentido e para isso, constata que, para alcançar tal objetivo, inicialmente, é necessário analisar o ente que se propõe a questionar o sentido do ser: “O ente que temos a tarefa de analisar somos nós mesmos. O ser deste ente é sempre e cada vez meu” (HEIDEGGER, 1927/2006, p. 85).

A partir daqui, desenvolve-se a analítica existencial: “[...] a analítica como analítica ontológica não é um decompor em elementos, mas a articulação da unidade de uma estrutura” (HEIDEGGER, 1987/2001, p. 141), que nada mais é do que a análise daquele ente que procura caminhos de acesso ao ser. Nesta perspectiva, elaborar concretamente este problema é “[...] o tornar-se transparente de um ente, o que busca colocando-se no seu ser” (REALE, 1991, p. 583).

No pensamento heideggeriano, recorre-se à proposição de que o homem é um SER-AÍ (*Dasein*), ou seja, está situado e em relação constante. O *Dasein* é o ente que,

sendo, descobre, revela o Ser (o quê e como algo é) a partir de sua condição existencial. O *Dasein* é o ente para o qual o Ser se mostra (ROEHE e DUTRA, 2013), entretanto, é valido também colocar que, para o filósofo, o ser humano é irredutível à 'simples presença'. Pois mesmo apesar da diversidade das coisas, tudo é significável mediante a presença do homem, ou melhor, diante dele as coisas estão presentes.

Neste horizonte filosófico, a noção de ente toma especial importância. Retomando o caminho, vê-se que as coisas tomam significado mediante a presença humana. Contudo, tornando a ressaltar, "[...] o homem não pode reduzir-se a simples objeto, a simples-estar-presente [...]" (REALE, 1991, p. 583), o que significa sua irredutibilidade a mera ocorrência. Logo, na pós-modernidade ideologizada pelo consumo que leva o homem a tornar tudo objeto e obscurantizar os diversos níveis relacionais é o que, no viés do pensamento de Heidegger, aquilo que se pode nominar como inautêntico.

Não se pode pensar, portanto, na teoria heideggeriana (especificamente a partir da última citação) o eu e o outro como meras ocorrências, ou simples 'estar-aí' (LIMA VAZ, 1998). O caminho proposto, portanto, é o da atividade, recusando-se o ente a estar passivo no mundo, pois ao render-se à passividade o ser humano cai num oceano de águas profundas e escuras, onde pelas ondas da enganação é distanciado cada vez mais das margens da integração, que nesta perspectiva filosófica seria denominado como autenticidade.

Em suma, na obra *Ser e Tempo* (publicada originalmente em 1927) o filósofo alemão, utiliza o termo *Dasein* para nomear o modo de ser especificamente humano. Para Heidegger, o *Dasein* é sempre relação com o próprio ser, cujas características são chamadas de existenciais. Em *Ser e Tempo*, o *Dasein* é descrito em sua cotidianidade como ser-no-mundo que existe, já sempre se projetando em possibilidades de ser, as quais são constituintes do seu próprio ser. Sendo-no-mundo, o Dasein não se mostra como um sujeito individualizado que representa objetos mentalmente, ao contrário, perde-se na impessoalidade do mundo compartilhado com os outros e lida com o que está ao seu redor de modo prático (ROEHE e DUTRA, 2013).

3 DESUMANIZAÇÃO: CONEXÕES SOCIAIS E INAUTENTICIDADE

3.1 LIQUIDEZ SOCIAL E MECANIZAÇÃO DO COTIDIANO

Com o meio social e sua seguridade gradativamente expostos aos “caprichos do mercado”, a atitude do Estado caminha em direção contrária à de assumir ativamente sua responsabilidade, promulgando como remédio à insegurança mais flexibilidade (BAUMAN, 2007, p. 22). Essa flexibilidade é característica de um estado diário de sobrevivência individual.

Sobre o termo “sobrevivência”, atestam alguns estudos que, nos primeiros indícios humanos, o homem pelo corpo estava presente no mundo e, como na verificação evolucionista, vivia instintivamente na garantia de sua sobrevivência e perpetuação de sua espécie, fazendo jus à força (DARWIN, 1872, p.81). Entretanto, com o desenrolar-se da história humana, o homem não só, como escrevera Lima Vaz (1998, p. 176), constituiu uma “[...] totalidade físico-orgânica como também intencional”, ou seja, o ser humano passa de um simples estar para um ser-no-mundo, uma presença ativa e intencional (LIMA VAZ, 1998, p. 176). Concomitantemente, dotado de intencionalidade, difere-se das demais espécies.

Entretanto, na pós-modernidade, encontra-se o homem inseguro. Não agora pelos perigos naturais, mas pela ameaça constante do medo desenvolvido pelo cenário da “[...] desregulamentação econômica, e da substituição da solidariedade social para a auto responsabilidade individual” (BAUMAN, 2007, p. 23). Tal “[...] medo satura diariamente a existência humana, enquanto a desregulamentação penetra a sociedade” (BAUMAN, 2007, p. 23). Consequentemente, provoca ainda maior incerteza a privatização dos problemas, um crescente sentimento de solidão e impotência, excluindo cada vez mais uma possibilidade de uma segurança existencial de cunho coletivo e ações solidárias (BAUMAN, 2007).

Assim, “condenadas” a sobreviver individualmente e a diariamente competir, consumir e se refazer, as pessoas são induzidas a vidas isoladas. O resultado é a desvinculação. “A vida solitária [...] pode ser alegre, e é provavelmente atarefada – mas também tende a ser arriscada e assustadora” (BAUMAN, 2007, p.30), visto que, em intensa correria, nominada rotina, quanto mais tarefas a cumprir, melhor. Com a mente atarefada, disfarçam-se as lamúrias do tempo e da existência e substituem-se companhias por recompensas. E tudo sempre marcado intensamente pelo medo. Quanto a este, pensemos como a “[...] suspeita do outro e suas intenções e recusa em confiar na constância e confiabilidade do companheirismo humano e da nossa inabilidade ou indisposição para tornar este companheirismo confiável” (BAUMAN,

2007, p.63). Da esfera individual do medo a uma amplitude de individualidades, chega-se a um sistema compulsivo e ousa-se dizer até mesmo patológico, onde a competição busca sobrepor-se à solidariedade e os indivíduos são abandonados aos seus próprios recursos. Os agentes sociais são, portanto, introduzidos a uma rotina mecânica instável de relações interesseiras e instantâneas que são caracteres constituintes das chamadas “identidades liquidadas” (SZWAKO, 2006).

Em perene instabilidade, “[...] a permanência se estabelece em um dos poucos casos de constância: na exclusão” (BAUMAN, 2007, p.75). Esta é diretamente consequência da decomposição do Estado social. “A exclusão se classifica no desaparecimento das oportunidades de redenção, a retirada do direito de apelação, a dissipação da esperança e a redução da vontade de resistir” (BAUMAN, 2007, p. 75). Os agentes sociais, se não puderem participar do jogo econômico, são rejeitados, inutilizáveis, descartáveis, como lixo do progresso econômico. Em suma, “os excluídos são os socialmente desajustados” (BAUMAN, 2007, p. 76).

3.2 INAUTENTICIDADE NO COEXISTIR

Hoje, entre as fortalezas de concreto e cárceres nas próprias mentes, como no romance de Augusto Cury (2018) ao tratar analogicamente sobre os cárceres mentais, vivem os indivíduos nas cidades. Sobre estas afirmou Bauman (2007, p. 90):

> [...]as cidades são espaços em que estranhos ficam e se movimentam em estreita proximidade uns dos outros. [...] Uma presença contínua e ubíqua de estranhos visíveis, impossível de ser evitada. Fonte inesgotável de ansiedade e de uma agressão geralmente adormecida, mas que explode continuamente. [...] O medo ambiente, ainda que subliminar, do desconhecido busca desesperadamente escoadouros de confiança.

Assim, os indivíduos sem referencial, além da ‘mutabilidade constante’, buscam continuamente produzir significado e identidade. Sobrecarregados do ‘eu’ vomitam pronomes possessivos na busca de segurança: minha igreja, minha paz, meu time de futebol, minha turma, meu mundo etc. E, indefesos, aferram-se a si mesmos. Trata-se de, na perspectiva de Bauman (2007, p. 93), “uma fuga/retração à alteridade externa e interação interna”. O que contribui para a “formação de um ambiente uniforme, com a construção de uma superficial vida social entre semelhantes. O que favorece à incapacitação dos sujeitos lidarem com as diferenças” (BAUMAN, 2007, p.94). A consequência é um caráter exclusivo, insidioso e ainda mais:

> A homogeneidade social do espaço, enfatizada e fortalecida pela segregação espacial (áreas residenciais e espaços públicos), diminui a tolerância à diferença em seus habitantes e assim multiplica as oportunidades para reações mixofóbicas,[3] fazendo a vida urbana parecer mais "sujeita a risco" e, portanto, mais angustiante (BAUMAN, 2007, p.97).

O existir fundamentado no "consumir e descartar como condição *sine qua non"* (BAUMAN, 2007, p. 108) é, na ótica heideggeriana, um coexistir inautêntico. Como apresenta o filósofo, o homem sempre se encontra em uma situação e a enfrenta com seu projetar. O homem é para ele, abertura, um poder-ser em relação a si, e é ser no mundo e com os outros. E a base dessas relações é o cuidado. Contudo, "[...] ao direcionar seu cuidar ao plano ôntico (plano dos entes em sua factualidade), permanece o homem na existência inautêntica" (REALE, 1991, p. 585). Na inautenticidade, o homem manipula e as coisas tomam fim em si mesmas. Nisto, a linguagem se transforma em palavrório da 'existência anônima'[4] e, procurando preencher o vazio se afoga na curiosidade desvanecendo-se na neblina do equívoco (REALE, 1991).

Entretanto, existe a voz da consciência que irrompe no anonimato inautêntico e chama à existência (ao envolvimento dos cuidados e coloca o indivíduo diante de si mesmo), ao plano ontológico, procurando o sentido do existir. Esta mesma voz revela que entre as várias possibilidades que é o existir, uma é inevitável, incondicionada e insuperável: a morte (HEIDEGGER, 1988).

Por essa linha sabe-se que, enquanto possibilidade, a morte não dá ao homem nada a realizar. Isso remete o sujeito ao sentido e revela a nulidade de todo projeto, não num sentido pessimista, de antecipação dramática ou de culto ao suicídio, mas significa que, diante da impossibilidade de todo projeto, toda singularidade se torna impossível. E isso destrona o homem de seu egocentrismo e ação objetificadora. Outrossim, ao mesmo tempo, é um convite à valorização da unicidade que cada pessoa manifesta com seu existir.

A morte impede a fixação em situações pontuais e alicerça a historicidade da existência. Ou seja, ao assumi-la (por si mesmo) como possibilidade (como disse Heidegger, um ser-para-morte) o homem encontra seu ser autêntico. Assim, "[...] o

---

[3]Mixofobia é um termo usado por Bauman em "Tempos líquidos" para designar as reações previsíveis (generalizadas) frente às diversas manifestações humanas (estilos) que se encontram/esbarram no dia a dia.

[4] Estado de necessidade contínua de preenchimento de um vazio existencial (que a caracteriza) recorrendo continuamente ao novo.

antecipar fazer-se livre para a própria morte, liberta da dispersão nas possibilidades que se entrelaçam casualmente, de modo que as potencialidades efetivas - situadas além da morte - podem ser compreendidas e escolhidas autenticamente" (HEIDEGGER,1988, p. 295).

O indivíduo, com os pés na realidade, que é angustiante, pois o coloca diante do nada de sentido e da aceitação de sua própria finitude, se propõe a enxergar as vezes em que se deixa arrastar pelas coisas, tornando toda realidade objeto, ameaçando as bases da própria vida, numa conduta inautêntica e consciente orienta-se ao presente. Sendo assim, o *Dasein* existe sempre em função de um poder-ser que, embora ainda não realizado, já o caracteriza de fato. O futuro (porvir) está sempre implicado e constitui as ações (presentes), uma vez que o ser humano antecede a si mesmo (HEIDEGGER, 1927/2006).

3.3 O MODO DE SER DO HOMEM

Primeiramente, discorrer sobre o modo de ser é tratar de sua natureza ou essência. Na filosofia, em seu princípio, ou ao menos aquele que é conhecido, havia a grande preocupação cosmológica a respeito da *arché,* o fundamento/princípio das coisas. E no decorrer da história do pensamento e das épocas, fundamentalmente a partir de Sócrates, a preocupação volta-se ao ser humano: "conhece-te a ti mesmo". Dessa forma, em Heidegger, questionar-se sobre o sentido do ser do homem é levantar um questionamento acerca do modo de ser do "SER-AÍ".

Tal modalidade é a existência. O ser-ontológico do homem é ser a abertura (ser-aí), onde os entes se mostram e ele se mostra para si mesmo. É neste nível que Heidegger descreve o modo de ser humano, o *Dasein* (ROEHE e DUTRA, 2013). O homem para Heidegger é um ser possível. Em outras palavras, "[...] tem o requisito de poder alguma coisa" (REALE, 1991, p. 583). Um poder-ser caracterizado pelo CUIDAR e pela abertura ao mundo. Logo, as características constitutivas do ser do homem são "modos possíveis de ser e somente isso" (HEIDEGGER, 1927/2006, p.85).

Uma vez que o modo de ser é a existência, a essência desta é a possibilidade. O ser do homem é sempre possibilidade a atuar. Nisto, ele pode se escolher (decidir a existência), contudo, conforme afirma Reale, parafraseando Heidegger, na escolha, o

ser-aí pode se conquistar (a posse) ou se perder (a ruína). Logo, “[...] o ser-aí é o ente que redunda do seu ser” (REALE, 1991, p. 583).

Para clarear, assim como na perspectiva teórica de Lima Vaz (1998, p.176), especificamente na pré-compreensão do corpo próprio, o homem, presença intencional no mundo, ao outro e a si próprio, num movimento de suprassunção, passa de um simples estar para um ser, da passividade à atividade. Assim também em Heidegger a essência é transcendência, no sentido de superação. O homem como projeto, inserido nas situações do mundo, instrumentaliza as coisas do mundo em função de seu projetar. Como comentou Reale (1991), tal transcendência institui o esboço do mundo, é ato de liberdade, ou melhor, é a própria liberdade. Entretanto, dependente e limitado do sistema oferecido, todo projeto também limita imediatamente o homem.

Em síntese, o homem “[...] não é mero espectador do grande teatro do mundo: está no mundo, envolvido nele e em suas peripécias” (REALE, 1991, p. 584); transformando a realidade externa, forma e transforma seu interior. Assim disse Roehe e Dutra (2013):

> O Dasein é envolvido no mundo, é interessado. O ser humano não existe num estado neutro, numa atitude teórica diante da realidade, pelo contrário, o que se mostra na abertura do aí já aparece vinculado a uma tonalidade afetiva. As coisas do mundo, os outros e o seu próprio ser fazem diferença para o Dasein, podem tocá-lo de alguma maneira.

Assim como ele compreende algo quando sabe o que fazer com tal coisa, ele compreende a si (seu modo de ser) quando sabe o que pode ser e o que pode se escolher.

3.4 O CONTRAPONTO ENTRE A INDIFERENÇA RELACIONAL E O EXISTENCIAL SER-COM-OS-OUTROS

No contexto da sociedade pós-moderna, dentre todas as ambivalências possíveis de se constatar, percebe-se que as relações sociais também passam por mutabilidade. As relações interpessoais, dizia Bauman (2005a, p.69), são “[...] simultaneamente objetos de atração e apreensão, desejo e medo; locais de hesitação, inquietação, ansiedade”.

No quesito vinculativo, analogicamente, assim como o cristianismo pretende levar a todos os povos sua “Boa-Nova” (o Evangelho), a globalização na era pós-moderna tende a trazer sua novidade: a desvinculação objetificadora caracterizada pela

indiferença. Os vínculos humanos são, neste período, alvos de cobiça e temor. Vincular-se, porém, é comprometer-se e, perante um ambiente flexível, o comprometimento é visto como incoerência.

Ao falar de vínculos, o que comumente perpassa os pensamentos são termos ternos e vigorosos como amor, amizade, companheirismo, sinceridade, etc., mas tomando como bode expiatório[5] o primeiro termo, amor, este particularmente na contemporaneidade tem sofrido intenso desgaste de significado e de uso. Um símbolo tradicionalmente usado para designá-lo é o coração. Nas redes sociais, o coração, que anteriormente na cultura hebraica detinha importante significado (a representatividade daquilo que era a pessoa e suas escolhas e afetos mais profundos) toma uma proporção de superficialidade tremenda. A rede é capaz de conectar virtualmente e estabelecer comunicação, contudo, também é capaz de superficializar e objetificar pessoas e seus afetos. Torna assim tudo facilmente adicionável ou descartável. Bauman (2005a, p.70), porém, apresenta uma contraproposta:

> [...] aquele que ama, busca e tenta encontrar a coisa bela em que possa gerar. Em outras palavras, não é no anseio por coisas já prontas, completas e finalizadas que o amor encontra seu significado, mas no impulso a participar da transformação dessas coisas, e contribuir para elas. O amor é semelhante à transcendência.

No impulso criativo para começar uma vinculação, o homem é guiado por uma esperança de encontrar auxílio, segurança, confiança, porém, como tal, a vinculação se apresenta também repleta de riscos, inseguranças, e sem nenhuma certeza de onde vai terminar (BAUMAN, 2005a). Sob influência da mentalidade consumista, tanto social quanto individualmente, tudo se torna valoroso sob o critério da utilidade. O conceito de útil, pós-moderno, é tomado na perspectiva das ideias de uso e descarte. Logicamente, os verbos usar e descartar se aplicam a objetos, coisas. Contudo, seduzidos e induzidos a determinado estilo de vida, os indivíduos aplicam tais ações às pessoas (relações de utilidade): usa-se, quando se deseja, proporciona prazer e estímulo e, descarta-se, ao não querer mais ou ao não garantir mais nada, torna o outro um objeto de consumo, conforme a conveniência e, em determinados casos, objeto de posse. Numa compulsão de satisfação instantânea como esta, não há realização amorosa (na perspectiva da citação de Bauman mais acima).

---

[5]“Bode expiatório” faz referência a uma antiga tradição hebraica em que se introduzia um bode no deserto com o fito de este purgar os pecados de determinado grupo religioso ou individuo em seu lugar.

Conduzido a um caminho de consumo desenfreado de objetos, estilos de vida, identidades, e pessoas, transformando tudo em coisa, o sujeito torna-se indiferente aos seus anseios mais profundos, à alteridade e ao mundo. E neste mundo de mercadorias, a tendência é acabar depressa. E, com tanta pressa, o homem se desgasta a si e ao seu entorno e tende inautenticamente a‘ser-para-exclusão’.

Em contraposição, na teoria heideggeriana, é apresentado um existencial denominado “ser-com-os-outros”. Isso significa que não existe um eu isolado sem os outros, ou seja, a alteridade é dada precisamente como outros ‘eus’. No cotidiano, o ser humano se coloca como mais um entre os entes, numa relação de identidade com as coisas que o cercam (ROEHE e DUTRA, 2013). E nesta relação, o existencial se expressa no cuidado que pode tomar duas direções: simplesmente estar junto, subtraindo os outros de seus cuidados, ou, ajudá-los a conquistar a liberdade de assumir seus próprios cuidados (REALE, 1991).

Aqui reside o centro do contraponto entre a indiferença relacional, que se desdobra sobre toda reflexão gerada acima e que culmina numa orientação a um modo de ser para exclusão, e o existencial - ser-com-os-outros - que irrompe a consciência isolada e gera autonomia - pelo cuidado - e faz dos outros autores de seus próprios cuidados. Isso fundado em que, para Heidegger, o homem se caracteriza pela convivência, pelo ser-com; o mundo do homem é mundo compartilhado. Ser-homem sempre envolve a presença de outros homens.

4 HUMANIDADE: IDENTIDADE E SENTIDO

4.1 IDENTIDADE

“Em nossa época líquido-moderna, o mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados” (BAUMAN 2005a, p.18-19). Diante deste mundo, nas palavras do sociólogo, percebe-se que a reação dos indivíduos está perpassada de caracteres camaleônicos, o que faz com que a identidade do sujeito, neste sentido fragmentado, se adapte a cada situação e mascare a insaciedade de sentido e segurança.

Soma-se à reflexão acima, a questão da identidade que surge em meio à exposição a neocomunidades. Estas, por sua vez, são “[...] fundidas unicamente por ideias ou

por uma variedade de princípios" (BAUMAN, 2005a, p.17), em que há uma busca por semelhanças e uma densa vontade de "pertencer", outro verbo importantíssimo se queremos entender a dinamicidade das construções identitárias.

Nas constelações familiares vê-se que "[...] o pertencimento, esse vínculo, é o desejo mais profundo [...]" (HELLINGER, 2011, p.17). Entretanto, dois impulsos se encontram: o de pertencer e o medo de comprometer-se. O mau engajamento entre ambos torna a questão apenas uma tarefa a se realizar, em defasagem da construção de 'projetos de vida' e da valorização da permanência vincular.

Isso se intensifica a partir da "[...] crise do pertencimento e do esforço que este provocou, no sentido de transpor a brecha entre o 'deve' e o 'é' e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia – recriar a realidade à semelhança da ideia" (BAUMAN, 2005a, p. 26). Numa perspectiva em que,

> O pertencimento e a identidade não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso - são fatores cruciais tanto para o pertencimento quanto para a identidade (BAUMAN, 2005a, p.17).

Outro fator importante é que identificar-se não é mais tido como qualificação herdada, mas é, pois, criação individual. Criação frágil, provisória, objeto de esforço e invenção. E, sobre o indivíduo encarregado de identificar-se, pesa-lhe a responsabilidade. Influenciado pela utilidade, flexibilidade e dado ao exibicionismo, o indivíduo busca reconhecimento identitário e consequentemente reproduz indiferença. A isso denominam-se "batalhas por identidade"[6] (BAUMAN 2005a). "As batalhas de identidade não podem realizar sua tarefa de identificação sem dividir tanto quanto, ou mais do que, unir. Suas intenções includentes se misturam com - ou melhor, são complementadas por – suas intenções de segregar" (BAUMAN, 2005a, p.85).

Seguramente, esse processo na pós-modernidade não é simples. Com o tempo se torna gradativamente difícil manter-se amalgamado a uma identidade e manter-se coerente nela. O caráter fluido instabiliza a vida em variadas instâncias e as relações interpessoais são bombardeadas pelo ideal da libertinagem desvincular. O desafio em

[6]Batalhas por identidade é um termo usado por Bauman para designar as misturas de demandas 'liberais' pela liberdade de autodefinição e autoafirmação com 'apelos comunitários' a uma totalidade maior que a soma das partes, bem como à prioridade sobre os impulsos destrutivos de cada uma das partes.

tudo isso é estar inteiro em algum lugar, o que se assemelha aos dizeres de Bauman (2005a, p. 19):

> Estar total ou parcialmente deslocado em toda parte, não estar totalmente em lugar nenhum. Sempre há alguma coisa a explicar, desculpar, esconder ou, pelo contrário, corajosamente ostentar, negociar, oferecer e barganhar. Há diferenças a serem atenuadas ou desculpadas ou, pelo contrário, ressaltadas e tornadas mais claras. As identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente.

As identidades da moda, em livre curso, planam alto e os indivíduos anseiam capturá-las. Assim, como uma tarefa a se cumprir, tais sujeitos são fadados a exercê-las ou representá-las com seus próprios recursos e ferramentas. Isso, porque "[...] o anseio por identidade vem do desejo de segurança" (BAUMAN, 2005a, p.35). Com isso, o homem consome e descarta máscaras e papéis sociais, na constante busca por "identificar-se", uma constante busca, dando abrigo a destinos desconhecidos, que não se podem influenciar ou controlar (BAUMAN, 2005a).

Nesta contínua e processual batalha por identidades, vê-se também a contraposição entre o rápido abandono das identidades antigas, escolhidas ou impostas no passado, e as pressões das atuais, maquinadas e impostas identidades estereotipadas, estigmáticas e rotulares (BAUMAN, 2005a). Isso num sistema movido pela ansiedade social, ferocidade capital e imposta a flexibilidade individual. Esta se diz imposta, pois qualquer tentativa de fixar/solidificar certa identidade seria considerado "[...] um fardo, uma repressão, uma limitação da liberdade de escolha" (BAUMAN, 2005a, p. 60) perante um ambiente flexível e variável. Seria uma inflexível negação de oportunidades.

Conferida a perene busca, diante de tanta pressa e tomados pelo medo, os sujeitos são influenciados a competirem e desdobrarem-se diariamente. Dentro em seus interiores, ressoa a pergunta: "Quem sou?" Mas o atarefado exterior demasia-se e se ocupa em mascarar-se, e prende-se a cair sequencialmente em desconexão vínculo-afetiva. Desvincula-se do mundo, da alteridade e até mesmo de si, à procura de alguma identidade que lhe confira segurança e lhe configure estabilidade.

4.2 O SENTIDO DO SER EM HEIDEGGER

A pós-modernidade anteriormente analisada, com seus traços liquefeitos como, por exemplo, a incapacitação de ‘projetos de vida’, frente ao sentido heideggeriano para o ser - que se dá em sua obra *Ser e Tempo* (1988), chegando à nulidade dos projetos, ao nada da existência, colocando o homem diante a autenticidade, dá corpo ao intuito do contraponto entre as teorias de Bauman e Heidegger.

Como em Bauman, inúmeras possíveis razões contextualizam uma liquidez no real, pela analítica existencial heideggeriana, o existente procura caminhos que o coloquem diante do sentido. Entretanto, no culminar da analítica, percebe-se que o ente não consegue determinar um sentido para o ser, pois “[...] a linguagem do homem pode falar dos entes, mas não do ser [...]” (REALE, 1991, p. 590).

Portanto, esta revelação do ser se dá apenas pela iniciativa do mesmo. E para isso, o homem deve se elevar ao mistério do ser, ao seu desvelar-se na linguagem autêntica da poesia. Esta como dom do ser, e não de obra humana. Na poesia a própria linguagem fala e, nela, o ser. Cada existência revela uma unicidade, um mistério único que, na pós-modernidade, passa pelo desafio da tipificação, da coisificação. Já a poesia traz o dom da autenticidade em desvelar o ser.

Não se trata de uma tentativa superficial em poetizar realidades previamente angustiantes, ou de trazer os tons do arco-íris para um contexto com semelhanças à obra do norueguês Edvard Munch (1895), “O Grito”. Trata-se, porém, de construir a partir da existência que se manifesta em cada ente um sentido para vida, assim como a poesia desvela o sentido do ser, mesmo que revelado pelo próprio.

Ainda segundo Heidegger, a atitude justa perante a poesia (o desvelamento) é o silêncio, o abandono, o *Gelassenheit*, visto que o sentido, a solidez, a autenticidade são revelados a partir do silêncio. Talvez por esta causa, na tradição cristã, quando no Evangelho de João (18, 38), Pilatos, ao questionar a Cristo sobre o que seria a verdade, este fica em silêncio.

Ali o mestre dos cristãos, possivelmente tenha provado que, mesmo com as mãos atadas, é plausível a subjetividade sentir-se livre. É nisso que consiste a liberdade heideggeriana (também dom e iniciativa do ser): voltar-se à verdade entendida como desvelamento do ser (REALE, 1991).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo feito, tem-se em síntese que as análises da pós-modernidade e da existência convergem nas conexões da identidade humana, e é isso que concretamente possibilitou se estabelecer um contraponto entre a objetificação e a autenticidade existencial.

A análise da realidade pós-moderna que permeia a teoria de Zygmunt Bauman indica a presença de traços caracteristicamente líquidos que desencadeiam uma série de situações (escolhas e atitudes) objetificadoras. Em um contexto (externo) extremamente instável, o indivíduo é induzido a adotar a flexibilidade e a entrar no fluxo das velozes mudanças que ceifam gradativamente a possibilidade do sentimento de segurança e estabilidade. Nesse emaranhado, encontram-se os processos pós-modernos de identificação.

A partir daí, a questão que surgiu foi como pensar sobre, ou até mesmo, como se apresenta a questão da identidade do sujeito? E a solução para a indagação foi primeiramente através de conexões com os diversos pontos integrantes e influentes do cotidiano: as ações governamentais, as movimentações sociais, as jogadas econômicas, juntamente com os interesses do mercado, as novas formas relacionais e as incrementações individuais.

Nesse “universo de conexões” da identidade, destaca-se, porém, um anseio existente na subjetividade humana, por algo que dê sentido ao sujeito e precisamente o ajude a viver de modo autêntico. É sobre esta modalidade, a existência, que Martin Heidegger orienta seu pensamento colocando-a em analítica, propondo um caminho de autenticidade. Eis a segunda análise.

Isto é o delinear-se do diálogo estabelecido neste trabalho. Fundamentando-se em uma metodologia dialética, que vislumbra o movimento das perspectivas, colocaram-se em contraponto duas principais análises: das conexões pós-modernas e da existência humana.

À primeira vista, uma proposta dialogal entre duas teorias conhecidas, indicaria uma troca de ideias. É como uma pessoa que passou anos de sua vida olhando o relógio de uma torre de igreja, acreditando que o conhece suficientemente, e que o vê meio embaçado por conta da distância. Entretanto, essa mesma pessoa, após ter uma persistente dor de cabeça, realiza um exame oftalmológico e descobre, por este, que

deve usar óculos. Depois de todo o processo, ao passar novamente em frente à igreja, já com seus óculos, se surpreende, pois vê aquele relógio da torre de uma maneira bem diferente. Assim é a pretensão do diálogo deste trabalho: olhar o conhecido outra vez, através de novas lentes, na busca de uma interação de análises.

Na primeira análise, o ser humano desgasta-se diariamente para sobreviver ao presente, tendo que lidar com a responsabilidade de suas escolhas, com o medo, com a insegurança, problemas intensificados pela inabilidade do Estado e pela marcante influência do “progresso” devorador.

O homem que, na teoria heideggeriana (análise da existência), é um ser de projeção, é fadado, no contexto pós-moderno, a diariamente estar simplesmente presente. É cada vez menos inteiro no que faz e divide-se, flexibiliza-se em diversas atividades, relações e escolhas. O sujeito que é um ser de abertura se agarra em cadeias fechadas em si numa compulsão de seguridade.

Enfim, após um caminho de interação das conexões, surgem três questionamentos como caminhos que abrem possibilidade a novos estudos: “Onde reside então o diferencial do homem?”; “Qual o sentido do ser?”; “Qual o sentido da vida?” Sobre o primeiro, na autenticidade, no mistério interior de cada pessoa (identidade); o segundo, no desvelar-se da poesia; o terceiro, no equilíbrio entre o primeiro e o segundo.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

_____. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005a.

_____. **Tempos líquidos.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007.

_____. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005b.

BÍBLIA. **A Bíblia de Jerusalém**.São Paulo: Paulus, 2002.

CURY, Augusto.**Prisioneiros da mente:** os cárceres mentais. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.

DARWIN, Charles. **A origem das espécies.** 6. ed. Albermarle Street, Londres1872. Tradução da 6ª edição original, Planeta do Brasil (São Paulo), 2009.

HEIDEGGER, Martín.**Ser e tempo.** Petrópolis: Vozes, 1988.

_____. **Seminários de Zollikon**. São Paulo: 2001. EDUC; Petrópolis: Vozes. (Originalmente publicado em 1987).

_____. **Ser e Tempo.** Petrópolis: Vozes; 2006. Bragança Paulista: São Francisco. (Originalmente publicado em 1927).

HELLINGER, Bert. **A cura:** tornar-se saudável, permanecer saudável. Belo Horizonte: ATMAN, 2014.

LIMA VAZ, Henrique C.**Antropologia filosófica I.** 4.ed. São Paulo: Loyola, 1998.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia:** do romantismo até nossos dias I.VOL 3 (Coleção filosofia). São Paulo: Paulus, 1991.

ROEHE, Marcelo Vial;DUTRA, Elza; **Dasein, o entendimento de Heidegger sobre o modo de ser humano Dasein.**2013.UFRN.Doi: dx.doi.org/10.12804/apl32.1.2014.07.Disponível em:<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4798420.pdf>. Acesso em 22 de outubro de 2020.

SZWAKO, José. Identidade liquidadas. **Revista de Sociologia e Política.** Rev. Sociol. Polit. no.27 Curitiba, Nov. 2006.n.p. Print version ISSN 0104-4478/ On-line version ISSN 1678-9873. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script= sci_arttext&pid=S010444782006000200017>. Acesso em:18 maio 2020.